



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

INFLUENCIA DAS TRAJETÓRIAS SOCIAIS NAS (RE)CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS E NOS MODOS DE AÇÃO DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR DA UFMG ¹

Gisele Brandão Machado de Oliveira

Colégio Técnico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais
giselebrandao.oliveira@gmail.com

Resumo: O Programa de Iniciação Científica Júnior-PIC-Jr é um programa institucional apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/ CNPq e a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais/FAPEMIG que desde 1998 integra estudantes de nível médio das redes de ensino Federal e Estadual a grupos de pesquisa da Universidade. Na UFMG já participaram mais de 500 jovens (entre 15 e 18 anos) e 300 pesquisadores. Tal abrangência levou para o âmbito da UFMG sujeitos de diferentes grupos sociais, possibilitando o encontro entre estudantes de nível médio, nível médio profissional, graduandos, pós-graduandos e pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento da Universidade. Por meio dos princípios metodológicos da história oral, resgatamos o que os estudantes, pesquisadores orientadores e coordenadores locais das escolas vinculadas participantes - no período de 2007 a 2009 - retiveram na memória referente às expectativas e experiências antes, durante e depois da passagem pelo Provoc na UFMG. Ao produzirmos as entrevistas nos deparamos com enredos que se referiam às vivências de socialização contextualizadas em diferentes matrizes culturais (da família, do lugar sociocultural onde os entrevistados vivem, religiosa, das escolas de nível básico, das acadêmicas, dentre outras.) que marcaram fortemente a vida de cada um. No presente artigo apresentamos as análises dos relatos dos estudantes egressos que se referem as trajetórias sociais e os processos de reconfigurações identitárias e aos modos de ação dos estudantes junto aos grupos de pesquisa, levando em consideração o complexo jogo de forças a que esses jovens estiveram submetidos em seus diferentes percursos de socialização e sociabilidade, seja no programa, seja nos outros espaços sociais frequentados. Temos a expectativa de que os dados gerados nesta pesquisa auxiliem em reflexões, avaliações e no aprimoramento de programas de natureza semelhante no interior da UFMG, na interação com as escolas vinculadas e em outras entidades que desenvolvem propostas de Iniciação Científica destinadas aos jovens da educação básica e profissional.

Iniciação Científica Júnior, Ensino Médio, socialização, identidade.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



Introdução

O Programa de Vocação Científica Júnior da Universidade Federal de Minas Gerais, Provoc na UFMG, atualmente intitulado como Programa de Iniciação Científica Júnior-PIC-Jr, é um programa institucional vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais-FAPEMIG. Desde 1998, esse programa integra estudantes da educação básica e profissional da rede pública de ensino (instâncias Federal e Estadual) a grupos de pesquisa da Universidade. Pelo programa da UFMG passaram mais de 500 jovens (entre 15 e 18 anos) e 300 pesquisadores. Tal abrangência levou para o âmbito da UFMG sujeitos de diferentes grupos sociais, possibilitando o encontro entre estudantes de nível médio, nível médio profissional, graduandos, pós-graduandos e pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento da Universidade.

O referido programa foi objeto de estudo de diferentes projetos que buscaram avaliar suas contribuições para os jovens e os desafios do processo de implantação no âmbito universitário (OLIVEIRA, 2000; OLIVEIRA & outros 2001; 2002; 2009). No projeto *Percursos dos jovens de escolas públicas de ensino médio e profissional no programa de iniciação científica júnior da UFMG* (OLIVEIRA, 2013)² foi analisado os percursos de socialização e sociabilidade de estudantes de ensino médio e profissional que participaram do Provoc na UFMG no período de 2007 a 2009.

Ao produzirmos as entrevistas nos deparamos com enredos que se referiam às vivências de socialização contextualizadas em diferentes matrizes culturais (da família, do lugar sociocultural onde os entrevistados vivem, religiosa, das escolas de nível básico, das acadêmicas, dentre outras.) que marcaram fortemente a vida de cada um. No presente artigo apresentamos as análises referentes aos processos de reconfigurações identitárias e aos modos de ação dos estudantes junto aos grupos de pesquisa, levando em consideração o complexo jogo de forças a que esses jovens estiveram submetidos em seus diferentes percursos de socialização e sociabilidade, seja no programa, seja nos outros espaços sociais frequentados.

De acordo com Göran Therborn (1991; 1996), que os sujeitos são simultaneamente submetidos e qualificados em processos sociais, na e pela sociedade; reforçam e/ou questionam determinadas ordens sociais a partir da participação/experiências nesses processos. Assim, sua constituição identitária pode ser relacionada aos tempos e lugares onde nasceram e viveram/vivem, bem como pelas diversas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

experiências, socializações e sociabilidades aos quais e pelos quais se submetem/qualificam. Embora o autor discuta especificamente esse processo de submissão/qualificação pela e a partir das ideologias, apropriamo-nos de suas formulações na medida em que vêm ao encontro de nossas próprias concepções acerca da construção dos processos identitários dos estudantes entrevistados.

Metodologia

Adotamos a abordagem qualitativa tendo em vista o desejo de nos aproximar das lembranças, emoções e percepções dos entrevistados. Foram os colaboradores nesta pesquisa quatro estudantes de escolas públicas, sendo três oriundos de escolas da rede estadual de ensino, e um da rede federal, sete pesquisadores orientadores de diferentes áreas do conhecimento da UFMG e uma professora coordenadora local participantes do Programa de Iniciação Científica Júnior da UFMG no período de 2007 e 2009.

Nos procedimentos de coleta de dados³ com os entrevistados utilizamos os princípios da História Oral propostos por Alberti, 2005. A utilização da História Oral nos possibilitou construir conhecimentos sobre processos, tempos, sujeitos e instituições com a intenção de compreender os processos vivenciados pelos estudantes egressos. Recorremos à memória dos entrevistados como fonte principal para a análise das experiências vivenciadas junto ao grupo de pesquisa que indicaram os percursos para uma (re)configuração identitária, a socialização e sociabilidade.

Na busca pela compreensão do que surge nos relatos dos entrevistados, em especial dos estudantes, enquanto aspectos identitários e sociais, organizamos as seguintes etapas da pesquisa: definição do grupo a ser entrevistado que foi constituído por três estudantes da escola média do Estado e um estudante de escola técnica federal; seis pesquisadores orientadores e um coorientador; um coordenador local; elaboração de uma carta de cessão das entrevistas, assinada pelos depoentes, assim como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; preparo da entrevista ou depoimento, simultaneamente estabelecendo contatos preliminares com os entrevistados; realização de entrevistas com os estudantes, pesquisadores orientadores e coordenadora local que se dispuseram a participar da investigação seguindo o roteiro que preparado para nortear as entrevistas; transcrição das entrevistas; conferência da fidedignidade das entrevistas e análise dos depoimentos.

Resultados e Discussão

Ao analisar as histórias pessoais identificamos que cada estudante demonstrava uma (re)configuração identitária em resposta aos processos socializadores vivido nas relações em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

família, no bairro, nas escolas básicas e junto grupo de pesquisa.

Identificamos, também, que ao relatar acerca da experiência no Provoc na UFMG o estudante imputava⁴ o seu modo de agir junto ao grupo de pesquisa à sua pluralidade de Ser adolescente, Ser de camadas populares, Ser oriundo de escolas públicas, Ser filho de pais com pouca instrução e poucos recursos socioculturais.

Ao iniciarem seus relatos, os estudantes se auto apresentaram por meio de imputações, tais como *sou da periferia; sou de família pobre/humilde; sou de escola pública*. Essas são, provavelmente, marcas fortes da constituição identitária, de uma parte das trajetórias de vida. Associando-as com aspectos apontados pelos estudantes acerca dos determinantes das suas ações junto ao grupo de pesquisa, percebemos que não é apenas o atributo ou a condição social que influencia na maneira como se percebem hoje e nos novos modos de ação desses quatro jovens. Seus enunciados demarcam claramente que também as formas de reconhecimento, receptividade e as estratégias dos pesquisadores para as orientações recebidas dentro do ambiente de pesquisa lhes incitaram a criar formas diferenciadas de autorreconhecimento, reconhecimento do outro, interação social e ação no novo contexto socializador – a universidade.

Outro aspecto que nos chamou a atenção diz respeito à maneira como os estudantes se auto identificam antes, durante e depois da vivência no programa. Os atributos pessoais e sociais destacados por eles são semelhantes, mesmo sendo eles possuidores de diferentes trajetórias subjetivas (biográfica, relacional e de trabalho). Coincidências de falas⁵, também, foram identificadas nos relatos dos pesquisadores e a coordenadora local quando se referiram aos estudantes atuantes no programa com os quais tiveram ou acompanharam a experiência.

Os estudantes expressaram lidar quase exclusivamente com um *Modus operandi* já naturalizado na academia para a orientação de estudante na Iniciação Científica, qual seja, se envolver em projetos já em andamento, que na maioria das vezes já elaborados pelo pesquisador ou estão destinados a um estudante de pós-graduação do grupo de pesquisa. O estudante de nível médio entra para auxiliar no desenvolvimento de algumas etapas de pesquisa e por meio disso vai se apropriando do método científico e suas práticas. Não identificamos nas falas dos entrevistados nenhuma referência ao envolvimento com procedimentos de estímulo à criatividade ou à liberdade de escolha para o delineamento de uma pesquisa.

Ao analisarmos as falas dos estudantes quando se referem à autopercepção de suas ações como estudantes e no programa, identificamos que eles se reportam a atributos muito próximos do mundo do trabalho e do trabalhador:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

estudante disciplinado, obediente, pontual, que se envolve com os estudos e com as ações que lhes eram atribuídas pelo pesquisador com dedicação, esforço, eficiência. Os estudantes enunciam ter se submetido a uma nova ordem, a novos códigos, a novos comportamentos socialmente “desejáveis” e que simultaneamente se percebem qualificados para essa nova ordem ou, ainda, para o questionamento dessa mesma ordem.

Identificamos, assim, uma experiência de aprendizagem situada, informal e incidental, ou seja, aquela que ocorre entre pessoas que estão em um mesmo círculo de (re)conhecimento e que vão transferindo suas práticas, valores, *modus operandi* aos que deles se aproximam no espaço de trabalho, em um processo de submissão/qualificação que, por sua vez, valida e qualifica a existência do programa.

Cada estudante, ao dizer das interações, convívios nos novos espaços frequentados a partir da participação no Provoc na UFMG e de ouvir das novas pessoas encontradas diferentes atribuições a si mesmo nos leva a inferir que passa a se perceber diferente, o que nos parece uma expressão da identidade social virtual configurada a partir das vivências no programa. Eles dizem – *hoje sou outra pessoa; amadureci; me sinto autoconfiante*.

Para compreender estas identificações recorreremos a diferentes autores⁶ cujos estudos se pautam nos campos da sociologia e psicologia social, mais especificamente nas Teorias da Ação. Interpretamos as narrativas dos entrevistados quanto as formas de se relacionarem e responderem aos processos de socialização e sociabilidade, especialmente na escola e no trabalho.

Trazemos mais especificamente para este artigo alguns dos conceitos, discussões e argumentos apresentados por Claude Dubar (1997; 1998a,b,c; 2005) e por Hall (2004) por suas contribuições em estudos acerca das influencias dos processos de socialização nas constituições identitárias sociais e profissionais. Recorreremos, também, a Bernard Lahire (1997; 2002) por sua interlocução crítica com a teoria do *habitus* de Bourdieu, a partir da qual o autor interpreta os processos socializadores na escola trazendo a sua concepção de *homem plural* (LAHIRE, 2002) dentro de uma visão mais contemporânea das teorias da ação.

Acerca do conceito de identidade Stuart Hall (2004) afirma que no campo das ciências sociais esta perpassa por três concepções a saber, a iluminista, a sociológica e pós-moderna. Na concepção iluminista o indivíduo era considerado unificado, com capacidade de razão, consciência e ação. A identidade constituía o núcleo essencial desse indivíduo e era considerada como um centro interior adquirido ao nascer e que permanecia o mesmo essencialmente – autosuficiente ou idêntico a ele – ao



longo da existência.

A visão sociológica da identidade do sujeito surge, segundo Hall, com o advento do mundo moderno. Nesta concepção aquele núcleo interior, o ‘eu’ real, permanece, entretanto não é mais concebido nem como autosuficiente e nem como autônomo. A identidade na visão do sujeito sociológico se (re)constrõe na relação com outras pessoas e assim garantem a os valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo.

Na perspectiva pós-moderna, a identidade do sujeito é concebida como *móvel, fragmentada, definida historicamente* (Hall 2004: 12) e se (re)configura por meio dos múltiplos pertencimentos e contextos vivenciados pelos sujeito.

O apanhado conceitual de Claude Dubar (1998; 2005) vai ao encontro do que afirma Hall (2004; 2006). Este autor também considera que o sujeito sociológico é aquele em que a identidade é construída a partir da autopercepção e das interações com outras pessoas que compartilham a cultura, um processo de constante dinamismo que promove novos traços identitários de acordo com a complexidade do mundo em que vivem.

Seria, então por meio das trajetórias sociais e na articulação de dois processos heterogêneos, o processo relacional e o processo biográfico, que os sujeitos, vão construindo, reconstruindo a identidade e seus projetos de vida.

O “processo relacional” (DUBAR, 2005) se constrói na relação de identidade com o outro - na semelhança com o outro - que coloca o indivíduo num processo de identificação com o que já está instituído pelo grupo sociocultural de referência, gerando, assim, uma reciprocidade de reconhecimento, ou seja, o que dizem que eu sou/ devo ser e o que dizem que devo fazer.

Já o processo biográfico ou pessoal se constrói na relação de identidade do sujeito consigo mesmo - na relação de diferença com o outro. Esta coloca o indivíduo num processo de identificação com suas próprias expectativas e idealizações, gerando o autoconhecimento, ou seja, o que “eu acho que sou ou devo ser” e o que “eu acho que devo fazer”.

Para Dubar (2005) a articulação entre o processo relacional e biográfico é marcada pela contradição uma que o sujeito de um lado se vê entre o reconhecimento e a reprodução - relações de semelhança com o grupo sociocultural de referência, e o conflito e a construção - relações de diferença com o grupo sociocultural de referência, do outro.

Na concepção sociológica a identidade é algo de valia construída na linha do tempo pelo indivíduo por *processos inconscientes* (Hall, 2006: 39) a partir da infância e que é reelaborada sucessivamente por toda a vida por meio dos juízos dos outros quanto as suas auto definições. Ou seja, os sujeitos apresentam



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

configurações identitárias que são resultantes dos múltiplos processos de socializações e sociabilidade. Essas configurações são construções complexas, mutáveis, inacabadas compostas por três elementos: identidade biográfica, identidade relacional e esfera do trabalho (DUBAR, 2005), uma vez que o indivíduo sendo autor da história é também influenciado pelo contexto social.

No campo da psicologia social, Henri Tajfel relaciona o conceito de identidade social ao autoconceito e traz a concepção de que no plano individual a identidade provém do sentido atribuído pelo indivíduo à sua interação com grupos socialmente diversos no decorrer de sua trajetória de vida. Nesta concepção o autor apresenta que *o significado específico de cada um desses grupos de referência para um sujeito varia conforme a importância relativa das experiências de interação para a construção ou afirmação da autopercepção*. (TAJFEL, 1978:50)

Na história enunciada por cada estudante identificamos que ao mesmo tempo em que nos apresentava sua *experiência originária* no programa, o entrevistado nos revelava, também, auto definições de si mesmo (identidade biográfica) construídas pelas experiências vividas antes da participação no programa e que ele percebe reconstruir frente às múltiplas relações sociais experimentadas durante a participação no Provoc na UFMG. Identificamos ser esta uma expressão do processo identitário relacional referido por Dubar (2005).

A autoimagem apresentada pelos estudantes identificamos como sendo “atos de pertencimento ou expressões da identidade social real” destes sujeitos que para Claude Dubar (2005) é constituída de atributos pessoal, ou seja, a maneira como o sujeito se vê e como percebe o seu relacionamento com os outros.

Esta identidade, segundo (Dubar, 2005) subdivide-se em duas partes: “biográfica e relacional para si”. A biográfica se refere à identidade do ser, ou seja, quem o sujeito se percebe ser; a relacional diz respeito à maneira como esse mesmo sujeito percebe a sua interação no ambiente social e como considera que as pessoas o percebem. Já as alusões atribuídas ao estudante pelo pesquisador, no processo relacional no programa, consideramos aqui ser os *atos de atribuição* ou expressões da *identidade social virtual*.

Os jovens participantes do programa são estudantes, adolescentes que na ocasião em que ingressaram do programa estavam com 14 a 16 anos. Esses jovens de diferentes raças, sexos, gêneros, cultura familiar, crenças religiosas são oriundos de instituições escolares, rede estadual (ensino médio) e rede federal (ensino profissional de nível médio), que mesmo estando na categoria de escolas públicas apresentam peculiaridades que as diferem tanto pela



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

abordagem educativa que praticam quanto pelo público que as frequentam.

A fase de vida em que se encontravam, e ainda se encontram, é um momento do ciclo da vida que lhes conferem, frente a um contexto de múltiplas transformações socioculturais com as quais defrontamos atualmente, uma “condição juvenil que expressa mutações profundas nos processos de socialização, seus espaços e tempos. (Dayrell 2007, p.3-7)

A expressão “condição juvenil” cunhada por Dayrell traz a ideia de que os jovens são sujeitos sociais que estão em uma etapa da vida que lhes confere uma maneira própria de ser perante a sociedade aos quais se inserem e recriam suas identidades a partir das circunstâncias do lugar social que ocupam e de como vivenciam as trajetórias pessoais e as oportunidades que lhes vão surgindo. Atrelado a isto está, também, o fato de como cada sociedade se relaciona com esta etapa da vida, a juventude, e vai lhes “constituindo, conferindo sentido frente às representações sociais que constroem dentro da dimensão histórico-geracional”. (Dayrell, 2003 e 2007).

A sociabilidade é uma dimensão da condição juvenil fruto dos processos de socialização dos jovens que se desenvolvem entre os pares especialmente nos espaços de lazer, escola e trabalho. “Nestes espaços os jovens buscam responder às suas necessidades de comunicação, solidariedade, democracia, autonomia, trocas afetivas e, principalmente, constroem identidades.” (Dayrell, 2007:5)

Em uma revisão das principais teorias da socialização, desde a sociologia clássica até a atual, feita por Setton (2005 e 2008) a autora argumenta que frente a Sociologia da Experiência⁷ há uma intrínseca relação entre os processos de socialização, a experiência, e a construção de identidades.

Frente às concepções de Dubet (1998) e Lahire (2002) as experiências socializadoras na família, na escola, com os amigos e no trabalho são heterogêneas. Nestes contextos o indivíduo está exposto “a um estoque de esquemas de ação não homogêneos, não unificados, e conseqüentemente às práticas heterogêneas, que variam segundo o contexto social que será levado a valorizar”. Assim, ele vive “simultânea e sucessivamente em contextos sociais diferenciados e, não equivalentes, o que lhe confere o caráter de um *ator plural*, produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos”. (Setton, 2005:344).

Os estudantes entrevistados enfatizaram terem agregado saberes, competências científicas e técnicas, bem como apropriaram de posturas observadas nos pesquisadores e que lhes são válidas nos espaços acadêmico e profissional que frequentam hoje. Além disto, destacam que ter vivenciado no Provoc na UFMG lhes permitiu alcançar um status (*ser*



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

motivo de orgulho) na família, perante os amigos do bairro, colegas e professores da escola média.

Nos enunciados dos pesquisadores há, também, uma conformidade na opinião dos orientadores e coorientadores quanto às alusões feitas aos orientandos do Provoc na UFMG e aos atributos pessoal e técnico científico que um estudante de nível médio deve ter para se integrar e ser bem sucedido junto ao grupo de pesquisa. Esta conformidade de opinião foi, também, identificada por nós no relato da coordenadora local entrevistada.

Os aspectos acima destacados nos remeteram a ideia de que a conformidade entre os atributos reconhecidos pelos três segmentos entrevistados (estudante, pesquisador e coordenadora local) pudesse estar relacionado ao fato de que estas pessoas estavam refletindo acerca de vivências em um mesmo sistema de ação ou rede social (universidade, grupos de pesquisa, escola) no qual, provavelmente, as construções identitárias ocorrem por *círculos de reconhecimento* (Pizzorno, 1986), ou seja, estariam expressando dimensões intersubjetivas de uma rede social na qual há uma visibilidade social dos símbolos, das dimensões específicas de experiências, dos diferentes atributos que são relevantes para as pessoas que participam ou já atuaram nela.

Considerações finais

Os fenômenos sociológicos que emergem das histórias pessoais analisadas neste projeto nos remetem também aos cuidados que as instituições de ensino superior integradas ao programa de IC Junior devem ter para que pesquisadores, estudantes de pós-graduação e graduação e técnicos estejam sensíveis ao assumirem o contato com esses jovens. Esses, além de serem portadores de uma complexidade social, estão em um momento delicado do processo de formação, cujas formas de interação podem lhes trazer marcas profundas, não somente nas reconfigurações identitárias, mas na maneira como passam a portar-se no mundo. Assim, a relação educativa estabelecida é muito maior que apenas uma “iniciação” na pesquisa científica.

Trata-se de pensar em cada jovem na sua complexidade e no que a participação em programas dessa natureza pode impactar social, emocional e cognitivamente nos jovens que buscam socializar-se na universidade.

A nosso ver, continua o desafio de a universidade pensar maneiras de orientação aos estudantes da escola de nível médio, de modo a que esse sujeito se veja com outras possibilidades de vida, para além daquelas “determinadas” pelo seu contexto social. Esses jovens portam uma cultura distinta daquela da academia, que não precisa necessariamente, ser a única a ser cultuada com eles – ou cultivada neles. No



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

caso de programas como o Provoc na UFMG, acreditamos que configura-se mais em um contato intercultural que implica na reciprocidade da comunicação, das relações humanas e da troca de aprendizagens que vão muito além das acadêmico-científicas.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis punks e darks no espetáculo urbano*. Ed. Pagina Aberta (Scritta). 1ª Ed, 172 p. 1994.

ALBERTI, V. *Manual de história Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, set-dez, n. 024, PP.40-52, 2003a.

_____. *Cultura e Identidades Juveniles. Última Década*, n. 18, PP.69-91, CIDPA VIÑA DEL MAR, abril 2003b.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, vol.28, n.100, Campinas, out. 2007. Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

_____. Juventude, socialização e escola. Trabalho apresentado no *I Colóquio Luso Brasileiro de Sociologia da Educação*, Belo Horizonte, set 2008.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto editora, 1997.

_____. *Socialização e construção de identidades*. Tradução-livre Adir Luiz Ferreira. L'identité, l'individu, le groupe, la société. Jean-Claude Ruano-Borbalan. Auxerre: Ed. Sciences Humaines, 1998a.

_____. *La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles*. Paris, Armand Colin, 1998b.

_____. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educ. Soc., Campinas*, v. 19, n. 62, Apr. 1998c.

_____. *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBET, François. *A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização*. Contemporaneidade e Educação, ano III, 3: 27-33, mar., São Paulo. 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável*. Tradução Ramon Américo Vasques; Sônia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Homem plural: os determinantes da ação*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ:Vozes. 2002.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

OLIVEIRA, G. B. M.. *Programa de vocação científica: projeto de implantação na Universidade Federal de Minas Gerais*. Projeto apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG, 2000.

OLIVEIRA, G. B. M. & SILVA, I. F. A. E.. Programa de Vocação Científica - PROVOC na UFMG - Avaliação de um modelo educacional para o Ensino Médio. *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências*. Atibaia - SP. 2001.

OLIVEIRA, G. B. M., SILVA, I. F. A. E. & LIMA, F. O. Avaliando alguns aspectos de implantação do Programa de Vocação Científica na UFMG - Provoc na UFMG. *Anais da X semana de Iniciação Científica da UFMG*. Belo Horizonte - MG, 2002.

OLIVEIRA, G.B.M.; OLIVEIRA, P.; BARROS, D.T.R.; SCHALL, V.T. Avaliação das Contribuições do Programa de Iniciação Científica no Ensino Médio e Profissional enquanto estratégia de melhoria na formação de Jovens em Minas Gerais. In: *CUETO, S. (org). Reformas pendientes en La educación secundaria*. Chile: Fondo de Investigaciones Educativa, PREAL, p.181-219, março 2009.

OLIVEIRA, G.B.M. *Percursos dos jovens de escolas públicas de ensino médio e profissional no programa de iniciação científica júnior da UFMG*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, UFMG, 2013 (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-97WK32>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

PIZZORNO, A. Some other kind of otherness: a critique of rational choice theories. In: FOXLEY, A., McPHERSON, M., O'DONNELL, G. (eds.). *Development, democracy, and the art of trespassing*. Notre Dame: University of Notre Dame Press; 1986.

SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 2, Nov. 2005.

_____. *Introdução ao Tema Socialização*. 2008. Disponível na <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/s>. Acesso em 16 jan.2016.

SPOSITO, M. P.. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura* (pp. 96-104). Belo Horizonte: UFMG, 1996.

SPOSITO, M. P. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, M. (Coord.). *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002.

TAJFEL, H. M. *Differentiation between social groups: studies in the social psychology of intergroup relations, european monographs in social psychology*. London: Academic Press, 1978.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

THERBORN, G. *La ideología del poder y el poder de la ideología*. 3ª. ed. México: Siglo Veintiuno, 1991.

_____. A formação Ideológica dos sujeitos humanos. [Trad. Jair Pinheiro e Lúcio Flávio de Almeida]. *Revista Lutas Sociais*, n. 1., 2º sem. 1996. p. 49-60.

NOTAS

¹ Apoio financeiro da FAPEMIG.

² Pesquisa realizada durante o processo de doutoramento da autora junto ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais sob orientação do Prof. Dr. Rogério Cunha Campos.

³ Todas as etapas da pesquisa foram realizadas mediante autorização dos participantes a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido , atendendo ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP/UFMG - Parecer nº. ETIC 0641.0.203.000-10.

⁴ A expressão usada está no sentido do verbo imputar de *atribuir a alguém, a alguma coisa a responsabilidade de*. (Ferreira, 1985:750).

⁵ A fala, segundo Claude Dubar envolve dispositivos de categorização e procedimentos interpretativos que remetem *a universos lógicos que estruturam as identidades narrativas*. (Dubar, 1998:6).

⁶ ABRAMO (1994); DAYRELL (2003; 2007; 2008); DUBAR (1997; 1998; 2005); HALL (2004); LAHIRE (1997; 2000; 2002); SETTON (2002; 2005; 2008) ; SPOSITO, 1996, 2002); THERBORN (1980).

⁷ Este ramo da sociologia incita a que se considere cada indivíduo como um ator, sujeito capaz de dominar, conscientemente, sua relação com o mundo sem se reduzir aos seus papéis, nem aos seus interesses. O ator é *obrigado a combinar lógicas de ação diferentes e é a dinâmica gerada por essa atividade que constitui a subjetividade do ator e sua reflexividade*. apud Setton, 2005: 344).